

Sarney descarta novo congelamento

JANDIRA GOUVEIA
Enviada especial

NOVA YORK — O Presidente José Sarney negou ontem, em entrevista exclusiva ao GLOBO, que o Governo tenha intenção de promover um novo choque econômico. Sarney disse que se esforça, neste momento, para criar condições que permitam ao próximo Presidente encontrar o País numa situação que facilite sua política com relação às dívidas interna e externa. O Governo quer manter as reservas altas, um comércio internacional forte e uma balança comercial superavitária, afirmou. Estas são as armas que Sarney entende necessárias para deixar o País em boas condições para seu sucessor.

Quando deixou o Brasil, na sexta-feira, para falar na 44ª Assembléia Geral da ONU, o Presidente revelou ter a informação de que a inflação estava em 31% na terceira semana do mês e que havia uma pequena tendência de aceleração. Mas ele não acredita, como disse ontem em sua suíte no Hotel Intercontinental, que



Telefoto AFP

Presidente: inflação não atinge 35%

o índice chegue a 35%, como se especula. O Orçamento que o Governo enviou para o Congresso é, segundo o Presidente, o "mais equilibrado da história da República" e é outro grande instrumento que ele pretende deixar a seu sucessor.

Sarney negou que baixará um pacote econômico depois da eleição. Disse que o Governo tem reajustado as tarifas públicas

sempre de acordo com a inflação e não pensa em alterar esta política, muito menos congelar as tarifas. Sarney lamentou que alguns setores empresariais tenham provocado a alta de preços, puxando a inflação para o alto.

Satisfeito com sua atuação em Nova York, onde aproveitou os principais contatos para abordar o problema da dívida externa, Sarney se mostrou esperançoso de conseguir chegar a um acordo com o FMI. Ele explicou que o País conta com aliados importantes, como as autoridades monetárias dos países credores, que reconhecem o esforço do Brasil e a seriedade com que tem enfrentado o problema.

Embora tenha falado muito no futuro, Sarney continuou mantendo silêncio sobre qual seria seu candidato à Presidência. Disse também que continua disposto a recorrer da decisão do Tribunal Superior do Trabalho (TST) sobre o aumento dos funcionários do Banco do Brasil. Ele acredita que até mesmo os funcionários do banco acham que o reajuste foi muito alto.